

# CONTO DE FADAS: amigo no enfrentamento do medo?

## Fairy Tales: a friend in dealing with fear?

*Barbara Luise Koppe<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O artigo pretende primeiramente elucidar o contexto histórico dos contos; em seguida, verificar a maneira como os educadores utilizam os contos em sala de aula e se a criança consegue enfrentar e superar seu medo por meio deles. Para isso foram coletadas informações práticas e teóricas sobre o assunto, obtendo um entendimento sobre como os contos de fadas são utilizados em sala de aula e se eles trazem algum significado na vida das crianças.

**Palavras-chave:** Educação. Conto de fadas. Medo. Educação infantil.

**ABSTRACT:** The article aims to understand the historical context of fairy tales, whether there is a way to use them in children's education and whether the child can face and overcome their fear when using them. Theoretical and practical data on the subject were collected, achieving an understanding of how fairy tales are used in the classroom, and whether they give any meaning to children's lives. There is also the concept of fear and how it is seen in childhood.

**Keywords:** Education. Fairy Tales. Fear. Children's Education.

### 1 INTRODUÇÃO

Certamente a literatura é de extrema importância durante a infância. Porém atualmente algumas famílias não têm o hábito de ler histórias infantis para as crianças. Em muitos casos, esse contato acontece apenas na escola e, na maioria das vezes, de uma maneira superficial, em que a criança não se encanta, apenas ouve a história lida, narrada e/ou apenas contada. A criança precisa fantasiar, entrar na história, sentir a emoção, querer ser aquela personagem. Pensando nisso, será que a criança pode identificar-se com a história e resolver os seus problemas, suas angústias através do contato com o conto de fada?

A partir dessa inquietação surgiu a curiosidade, primeiramente, de compreender de que forma os contos de fadas poderiam auxiliar a criança a enfrentar seus medos. E, em seguida, quer-se entender por que os professores não trabalham a essência do conto de fada e a resolução de problemas através das situações que eles apresentam.

Os contos de fadas são histórias que atualmente são referidas apenas para as crianças, mas nem sempre foi assim. Em meados dos séculos XV, essas histórias eram contadas, por exemplo, para adultos, como na *África Negra*, para distrair o grupo de pessoas que estava passando alguma necessidade, como por exemplo fome e frio. Além disso, essas histórias sempre tiveram diferentes versões, porque eram escritas e reescritas por diferentes autores, colocando características da sociedade em que viviam. Radino (2003, p. 65) fala um pouco da evolução dos contos:

Os contos de fadas são considerados, por Darn-ton (1996), documentos históricos. Surgiram ao longo do século e foram sofrendo transformações conforme a sociedade e a cultura a que se dirigiam. Segundo o autor, os contos franceses retratam a França entre os séculos XV e XVIII, mostrando a realidade brutal em que viviam os camponeses.

Outro fato interessante é que várias mulheres foram responsáveis pela narração e criação dos contos de

---

<sup>1</sup> Especialização em andamento no curso de Neurociências e Educação pelo Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI. Graduada em Pedagogia pelo ISEI. Coordenadora Pedagógica da EMEI Pedacinho do Céu no município de Ivoti.

fadas conhecidos até hoje. Eles surgiram em uma época em que as mulheres não podiam falar em público, em função de a sociedade acreditar que suas vozes poderiam seduzir e que, por isso, poderiam levar os homens cristãos à perdição. Lugares como salas de fiação eram temidas pelos homens. Sem ser uma preocupação de classes sociais, as crianças brincavam ao lado das mulheres que fiavam, amas ou governantas, e essas contavam contos de fadas. Essas personagens aparecem em vários contos, como *A Bela Adormecida*, por exemplo, em que o autor Charles Perrault traz personagens como a governanta, a vovó, ou seja, todas as mulheres idosas contadoras de histórias, que de certa forma o ajudavam na inspiração. Radino (2003, p. 55) afirma que “contos como Mamãe Gansa, Mamãe Cegonha ou Mamãe Corcova, como ficaram conhecidos os contos de fadas em muitos lugares, simbolizavam a mulher como narradora de histórias. Figura cômica de bruxa, fonte de sabedoria feminina, Mamãe Gansa estabeleceu-se no folclore britânico”. Tanto Perrault, Andersen, assim como os Irmãos Grimm, tiveram influências femininas na narração, pois escutavam as histórias narradas pelas mulheres para fazer suas criações.

Uma característica muito forte dos contos de fadas é o final. Eles geralmente terminam com *e viveram felizes para sempre*, porque é nisso que os autores acreditam. Pois, depois das dificuldades encontradas pelos personagens, a solução dos problemas reconhecida, eles merecem ter um final feliz. É o que todos desejam! Conforme Busatto (2003), deve-se ter certa atenção ao ler uma história e compreender que se trata de um conto de fadas, saber classificá-lo a partir de seu texto, para compreender o significado da magia, dos valores que eles transmitem. Por isso, naquelas versões em que o texto é colocado em livros de poucas páginas, com uma ilustração qualquer, o autor acaba cortando características essenciais da história, deixando o conto de fadas, que era maravilhoso, tornar-se uma história qualquer que provavelmente não acrescentará nenhum significado à criança. Busatto (2003, p. 30) diz que:

Os contos de fadas apresentam sempre uma situação a ser resolvida pelo herói ou heroína, geralmente sem nome próprio. Apenas é apontada como a princesa, o rei, a rainha, a mãe, a madrasta, a bruxa, e assim por diante. Se apresentam nome próprio, geralmente é um nome comum, indicando que poderia ser qualquer dificuldade encontrada pelos personagens dos contos de fadas, no final eles sempre vencem. Pensando assim, muitos contos catalogados nesta categoria não são verdadeiramente um conto de fadas, pois os seus personagens não encontram no final da história a

resolução de seus problemas e portanto um final feliz.

Muitos pesquisadores, assim como Glória Radino (2003), acreditam que os contos de fadas auxiliam as pessoas a se acalmar, porque têm a função de protegê-los dos maus espíritos, como acreditavam os povos primitivos. Isso acontece porque, apesar de trazerem personagens como bruxas e monstros, também mostram situações que trazem alívio às preocupações. Assim as crianças se acalmam e dormem protegidas dos maus sonhos.

Um exemplo claro é o medo de uma criança, em seus quatro e/ou cinco anos de idade, de ser castrada, principalmente por ter um sentimento diferente por seu sexo oposto: filha que se apaixona pelo pai (Complexo de Electra) e filho pela mãe (Complexo de Édipo), tese construída pelo filósofo Sigmund Freud (1856). O momento em que o adulto conta uma história para essa criança, que está amedrontada em seus próprios pensamentos, será um acalento, e ela ficará mais calma.

Entendemos que os contos são uma ferramenta interessante para ser utilizada na construção de projetos em sala de aula, tanto pela possibilidade do próprio professor observar as necessidades dos alunos como também para despertar o interesse dos alunos pelas histórias infantis. O que se percebe é que muitos projetos acabam se reduzindo a atividades e momentos ligados à fantasia, à magia e à imaginação. Mas, pensando pelo outro lado, o que é o essencial nas histórias? Será que somente trazem situações traumáticas para os pequenos? O que realmente o educador quer alcançar utilizando estas histórias em sala de aula? E o mais importante: o professor planeja o que deseja alcançar? Planeja os passos? Pensa como as crianças aprendem? O que elas registram? O que para eles têm significado?

O livro *A psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bettelheim (2002), mostra como essas histórias são significativas para o desenvolvimento da criança. Ele defende que se deve trabalhar o conto de fadas de uma maneira significativa, que faça a criança refletir sobre as dificuldades que os personagens precisam enfrentar e de como as resolvem, também de maneira que busque alternativas para encontrar a solução de seus problemas, suas angústias, seus medos, por exemplo. Como a criança poderá encontrar alternativas para conseguir enfrentar seus medos sem a intervenção de alguém?

Criança imagina tudo o que lhe é contado: ela usa sua fantasia. Imagina a história à sua maneira para assim encontrar uma solução. É a fase da vida mais gostosa; por que então não contar várias histórias e fazer

com que pensem sobre elas? Que se sintam seguras para falar de seus medos e que, com isso, aprendam a encontrar soluções para enfrentá-los? Saliendo que, para isso, a criança precisa ser ouvida pelo adulto, precisa sentir-se segura para chegar a soluções. Essas e outras questões serão abordadas a seguir.

## **2 LOBO... QUE MEDO! AFINAL O QUE É O MEDO?**

O medo está presente diariamente na vida dos indivíduos. Esse sentimento, conforme André (2011, p. 13), “[...] é uma emoção, por assim dizer, ‘fundamental’, ou seja, universal e necessária”, que faz parte das nossas escolhas; as pessoas ficam se sentindo em perigo, amedrontadas e não conseguindo se desligar dos pensamentos do medo. As pessoas refletem sobre suas vidas, se estão convivendo com as pessoas certas, acertando nas escolhas ou simplesmente vivendo de acordo com o que sonharam para si. Para nós adultos, é como se soubéssemos que esse sentimento faz parte do nosso dia a dia, que é passageiro, porque surge uma vontade maior de superá-lo. Assim seguimos em frente até que uma nova situação surja em nossa vida, forçando-nos a encará-lo novamente.

Se analisarmos a origem da palavra medo, do latim *metus*, vemos que se trata de uma emoção que se caracteriza por intensos sentimentos, habitualmente desagradáveis, provocados pela percepção do perigo, seja ele real ou imaginário. Pode ser também um sinal de alerta, provocado para demonstrar receio sobre alguma coisa; encontramos esse significado na enciclopédia Barsa. Já no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004b), encontra-se o significado de medo como um sentimento de grande inquietação ante a noção de perigo real ou imaginário, de uma ameaça, susto, pavor, temor e terror.

O medo é uma sensação em consequência da liberação de hormônios como a adrenalina, que causam imediata aceleração dos batimentos cardíacos. É uma resposta do organismo a uma estimulação aversiva, física ou mental, cuja função é preparar o sujeito para uma possível luta ou fuga. Antes de sentir medo, a pessoa experimenta a ansiedade, que é uma antecipação do estado de alerta. Entre outras reações fisiológicas em relação ao medo, podemos citar o ressecamento dos lábios, o empalidecimento da pele, as contrações musculares involuntárias como tremedeiras, entre outros (FERRARI, 2013b).

A partir da citação do site Brasil Escola (FERRARI, 2013b), sabe-se que a adrenalina, liberada em situações de medo, causa a aceleração do coração, fa-

zendo-nos perceber que o medo é a maneira do organismo se manifestar alertando o indivíduo a se preparar para reagir diante da situação. Mas o corpo inicia esse processo através da ansiedade, que é um pré-estado de alerta diante da ameaça, dando sinais de que está com medo; a boca fica seca, temos tremedeira, falta de ar e temos tensões.

O medo provoca o surgimento de várias emoções, como ansiedade, angústia, susto e pânico. Muitos teóricos da área da psicologia, como Christophe André (2011), acreditam que tais emoções pertencem à família do medo e que devem ser compreendidas em relação a ele. Sendo assim, a ansiedade é um medo antecipado, ou seja, um pré-medo, que deixa a pessoa na expectativa ante a proximidade do perigo. A angústia é uma ansiedade com vários sinais físicos. As duas são medos sem objeto; não se pode nominar como sendo medo de alguma coisa, como medo de escuro; mesmo assim, ainda é um alerta ao perigo.

Não se pode dizer que uma pessoa que tem medo da morte tem medo de morrer, mas sim, que é uma ansiedade sobre a morte, porque o medo não tem objeto: a pessoa não morreu, continua viva. Sente angústias, ansiedades, mas não é medo, porque não está tendo manifestações físicas suficientes para sentir o medo; é apenas o sinal de alerta a um provável perigo. André (2011, p. 20) afirma que “a vida se encarrega de curar medos, oferecendo-lhes ocasiões de confrontar-se com eles e aprender a dominá-los – mas também a preservar o seu lado bom, como a prudência, que é fruto da experiência”.

Se a vida traz situações para o ser humano adulto defrontar-se com seu medo, é preciso enfrentá-lo cedo ou tarde para conseguir superá-lo. Imagine como a criança reage a partir das situações que a vida coloca diante dela. Imaginemos que esse sentimento já provoca em nós muitas emoções, fazendo com que, muitas vezes, deixemos-nos dominar por ele até que consigamos encontrar uma maneira de vencê-lo, encontrando a solução. Pensemos agora como uma criança enfrenta esse sentimento que surge a partir de suas inseguranças. Bettelheim (2002) traz que a criança brinca com as ideias, buscando uma forma de compreender as coisas, portanto:

Quando uma criança tenta entender-se e entender os outros, ou imaginar as consequências possíveis e específicas de alguma ação, ela desenvolve fantasias em torno destes resultados. É sua forma de “brincar com as ideias”. Oferecer à criança o pensamento racional como forma de organizar seus sentimentos e compreensão do mundo só servirá para confundir-la e limitá-la (BETTELHEIM, 2002, p. 131).

Se analisarmos o desenvolvimento infantil, podemos perceber que a criança, já ao nascer, passa pela primeira situação de medo, o parto. Como lida com isso? Recebendo a segurança do colo materno, do carinho da família, mas depois cresce e começa a passar por inúmeras situações que podem gerar medo. Por exemplo, ao ouvir uma história em que surge um monstro, uma bruxa, que em muitos casos são para dar limites e mostrar perigos, de certa forma querendo protegê-la.

O pensamento infantil cria monstros horripilantes através da fantasia e da imaginação, o que gera medo. Por exemplo, o *homem do saco*, que é um personagem popular que foi criado para impor limites à criança. Deseja-se que ela fique perto de seus pais e que se comporte para que ele não venha e a leve embora. Pode-se imaginar o medo provocado nessa criança, de como se sentirá ao ver uma pessoa com um saco na mão, o temor, o pavor de ser levado para longe. Por isso Walz (2004, p. 13) diz: “[...] há um fenômeno ou experiência pelos quais praticamente todos passam; a desconfiança de não ser filho legítimo daquela casa, daqueles pais”. Interessante que uma criança ponha em dúvida essa referência de não pertencer à família. E, se esse é um medo comum na infância, imaginemos então quais fantasias ela cria em seu imaginário.

Todo adulto deveria estudar sobre como o imaginário da criança funciona e como cria fantasias. Jamais pensariam em colocar um medo (do homem do saco) tão assombroso nos pequenos. Conforme Bettelheim (2002), na infância a criança sente suas ansiedades e medos diante de sua vida; por isso o adulto deve estar atento e solícito para auxiliar a criança a superar esses sentimentos, ouvindo, conversando e orientando:

Mas a criança está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimenta uma ansiedade mortal. Na maioria das vezes, ela é incapaz de expressar estes sentimentos em palavras, ou só pode fazê-lo indiretamente: medo do escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo (BETTELHEIM, 2002, p. 10).

Se observarmos a frase de Bettelheim (2002), constatamos os sentimentos de solidão e isolamento. A criança também pensa no medo de morrer e ainda no medo de que seus pais morram. Principalmente se passarem por uma situação de perder alguém da família, a criança se dá conta de que pode perder seus pais. Isso gera muita raiva nela mesma, por estar tendo esses pensamentos, de que essa possibilidade pode existir e que pode acontecer a ela.

Entre os já citados, há outros medos que surgem durante a infância, principalmente entre os quatro e seis anos: medo do escuro, medo de dormir, medo de monstros, bruxas, fantasmas ou outras criaturas. Ainda há os medos de barulhos estranhos: por exemplo, fogos de artifício – há crianças que se trancam em armários, tamanho é seu pânico ao ouvir esse barulho. Surge nesse período também um medo muito grande de que seus pais fiquem doentes, perguntando muito se isso pode acontecer com elas. Por incrível que pareça, a criança também tem um medo grande de perder o seu controle emocional, como em pensar que seus pais possam adoecer, pois sente medo de ficar sozinha.

Conforme as leituras realizadas, chamou também a atenção de que, nessa faixa etária, a criança sente medo de pessoas com deficiência física. Ao encontrar-se com uma pessoa com necessidades especiais, escondem-se ou passam longe. Isso acontece porque a criança acredita que pode ficar contagiada e ficar igual. Os adultos devem ter um olhar especial para aceitar e ajudar a criança a entender que essas pessoas são diferentes, mas que não acontecerá o mesmo com ela. Não ver como preconceito, mas sim como um medo natural da idade, que deve ser orientado para não tornar-se preconceito futuramente quando ela conviverá com mais crianças e compartilhará seus sentimentos.

Porém não se pode levar o medo como explicação para tudo o que a criança faz e diz, dando razão a ela para fazer tudo o que quer e acreditando que é natural agir dessa forma. Criança precisa de limites, e eles precisam ser dados pelos adultos que vivem em seu contexto. O adulto precisa passar segurança aos pequenos. Mesmo que, na maioria das vezes, a criança rejeita os adultos, não deixando que se aproximem. Esses deverão sempre ser pacientes e ir tentando até que a criança abra uma brecha para a aproximação acontecer, porque precisa do adulto para ser orientada. Todavia é necessário ter clareza na diferenciação dos medos infantis e da falta de limites, pois as manhas infantis podem ser confundidas com medos. Criança precisa de limites, ouvir sim e não.

Se observarmos um grupo de crianças, podemos notar que as mais inseguras sentem mais medo. Por isso é essencial que os adultos que a rodeiam tenham clareza da segurança que precisam dar a elas. Pensemos agora nos fantasmas que surgem na vida de crianças que foram abandonadas ou que convivem com pais violentos. Por exemplo, como será que lidam com todos esses sentimentos turbulentos? Como agem não tendo ninguém que as proteja? Conforme André (2011, p. 13),

“temos a necessidade do medo, pois ele é um sinal de alerta destinado a facilitar nossa vigilância ante os perigos e aumentar assim nossas chances de sobrevivência”.

Por isso o medo é algo importante na vida das pessoas, pois dá certa segurança, fortalece as pessoas, para fazê-las pensar e analisar aspectos da vida, para não correr o perigo de se arriscar demais. Ou seja, é necessário saber que tudo tem seu tempo, que cada experiência nos ensina algo, e isso vale também para a criança. A criança que enxerga os pais convivendo em alguns momentos com o medo, enfrentando-o, terá, no futuro, muito mais possibilidade de enfrentar situações com firmeza e persistência. Mas ainda surgem algumas indagações: De que forma pode ser dado o limite do medo na criança? Como fazê-la compreender que não pode tudo o que deseja, porque pode ser perigoso? O adulto pode criar personagens para colocar limites na criança?

Essas perguntas são difíceis de responder, pois será que temos a permissão de colocar esse limite? Esse medo? E se estivermos colocando novos medos na criança? Será que não há outras formas de fazer isso? Outros instrumentos para dar esse limite à criança? Essas e outras perguntas serão respondidas até o final deste artigo. O interessante é que muitos acreditam que isso é besteira, que não se precisa dar atenção para isso, até chegar a um ponto em que a criança não suporta mais e fica doente, ou então os pais percebem que devem levá-la a um terapeuta, porque pode chegar a uma fobia, que provavelmente precisará de um tratamento psicológico e/ou psiquiátrico.

### **3 CINDERELA, BRANCA DE NEVE... APRENDENDO COM O MEDO?**

Tendo abordado um pouco do contexto histórico dos contos de fadas e de seus respectivos autores, assim como o conceito sobre o medo e sua participação no desenvolvimento infantil, apresentar-se-á agora um pouco da visão de profissionais de educação sobre a importância de usar os contos de fadas em sala de aula.

Foram realizadas entrevistas com profissionais na área da educação, sendo seis professoras, que atuam na faixa etária apresentada, uma psicopedagoga e uma psicóloga, que também trabalham com crianças. As perguntas feitas foram preparadas para dois grupos: o primeiro para as professoras e o segundo para a psicopedagoga e a psicóloga.

Diante das entrevistas realizadas, percebe-se que os contos são abordados em sala de aula por meio de projetos. As educadoras conseguem utilizar algum conto para abordar temas como alimentação, trânsito, fa-

mília, etc. Ou seja, que tenham outros objetivos e temas. Como a *Cachinhos de Ouro*, por exemplo, cujo enredo traz o carinho com que a mãe Ursa prepara o mingau para a sua família. Esse conto geralmente é utilizado em projetos sobre a alimentação, porém pode ser trabalhada a relação com o outro, por exemplo na parte em que a Cachinhos entra na casa e mexe nas coisas da família dos Ursos, trabalhando junto a fantasia e a imaginação trazidas nos contos.

Foi dito também que é possível trabalhar em sala de aula as situações do dia a dia trazidas pelos contos, como na história da *Chapeuzinho Vermelho*, em que a mãe diz à menina para não ir pelo caminho da floresta, porque é perigoso, e que não deve falar com estranhos. Porém ao encontrar o lobo, esse lhe diz que deveria ir pelo caminho da floresta, que é mais curto até a casa da vovó. A menina então segue pelo caminho da floresta, mesmo alertada pela mãe. Obedecer pais, professores e os adultos que os rodeiam, respeitando e ouvindo as ordens que recebem, é uma situação que deve ser trabalhada com os alunos.

Pode-se também, através da mesma história, mostrar as consequências de cada escolha. Como a atitude de Chapeuzinho Vermelho: ela, além de falar ao lobo aonde iria, passou por um caminho perigoso e mais longo, permitindo que o lobo chegasse antes dela na casa, comesse a vovó e ficasse no lugar dela.

As entrevistadas também enfatizaram que as educadoras buscam realizar atividades com dramatizações, usando fantoches, além de trazer apenas o texto. Além disso, elas oferecem estímulos para que as crianças imaginem as cenas da história. Também mencionaram que, às vezes, trazem os contos apenas como leitura de fruição (ato de fazer uma leitura pelo prazer que ela proporciona), onde é apresentado apenas o texto e as crianças imaginam a história sozinhas.

Outro fato que está claro para as entrevistadas é que os contos de fadas auxiliam a criança a se identificar com a história, a situação e os personagens, ajudando no crescimento e amadurecimento, mostrando que tudo pode dar certo, que a criança pode encontrar uma solução dentro de seus conflitos. Elas trouxeram durante a entrevista o exemplo de uma aluna de uma escola de educação infantil que era nômade, morava na rua com a mãe hippie e que, de um dia para outro, foi colocada em um abrigo até que seu pai a encontrou. A menina identifica-se com o conto em que tem um príncipe. Porque a partir da situação que experimentou, o seu príncipe é o seu pai que a resgatou. Ou seja, nesse caso, além de fazer a criança se identificar com a história, a situa-

ção e os personagens, os contos ajudam a encontrar uma forma de resolver problemas.

Outro ponto destacado nas entrevistas foi o uso dos contos em sala de aula para trabalhar o medo infantil: medo da morte, medo de escuro, etc. Por exemplo, quando é utilizado por uma criança para resolver a situação de um amigo imaginário, fazendo perceber a diferença entre o real e o imaginário.

Também foi constatado que os contos de fadas são utilizados em sala de aula constantemente, mesmo que não sejam planejados em projetos desenvolvidos na turma, mas o conto surge apenas em leituras de fruição, como já citado anteriormente. Porém há um aspecto abordado por todas durante as entrevistas: o trabalho em sala de aula é pensado apenas para estimular a imaginação e a fantasia. Mesmo assim, é sabido que, através delas, podem-se trabalhar os medos e as angústias inconscientes na infância.

Bruno Bettelheim (2002) afirma que o conto de fadas traz significado à vida e que essas histórias podem ser consideradas atuais, fato com o qual todas as professoras concordaram. Porém colocaram que, dependendo de como é contada e internalizada, pode gerar um trauma, como por exemplo o medo de lobo. Ou seja, ao ouvir as características de como ele é e imaginá-lo, a criança pode acreditar que o lobo pode vir atrás dela para a pegar, como acontece em vários contos, como os *Três Porquinhos*, *O Lobo e os Sete Cabritinhos* e a já mencionada *Chapeuzinho Vermelho*.

Acredita-se que o conto traz significado sim na vida de uma criança, pois, dependendo do enfoque dado ao lobo, à bruxa, é lógico que a criança sentirá medo desses personagens, podendo sonhar e ter vários conflitos inconscientes. Bettelheim (2002, p. 132) traz uma afirmação de que “os contos de fadas sofreram uma crítica severa quando as novas descobertas da psicanálise e da psicologia infantil revelaram o quanto a imaginação da criança é violenta, ansiosa, destrutiva e até mesmo sádica”. Temos em mente que crianças são “inocentes”, que não pensam em coisas ruins e violentas. Mas elas também sentem raiva. Quando sentimos raiva por alguma coisa, os pensamentos voam, acabam por imaginar coisas para que a raiva passe e, na maioria das vezes, são pensamentos sobre coisas que fazem mal aos outros, como uma forma de vingança. Então, se o conto colocar medo na criança em relação aos personagens apresentados através da narração da história, provavelmente imaginará situações em que se possa livrar do lobo, da bruxa e até do monstro do armário. Porque o medo gera raiva, e, movida pela raiva, encontrará uma solu-

ção para encarar a situação e superar o medo. Lógica que introduz uma outra reflexão: se os contos ajudam a criança a colocar os pensamentos ruins para fora, por que foram criticados e usados apenas em projetos que envolvem a imaginação e a fantasia?

Portanto, se o adulto “podar” a imaginação infantil dizendo para a criança que o que ela escuta nos contos não acontece e que os personagens não são reais, ela não poderá colocar seus “monstros” para fora de sua mente. A partir de uma situação que a criança está vivenciando, que é difícil de lidar, usará algum personagem infantil, como a bruxa, para colocar sua angústia para fora e, como solução, poderá imaginar o que aconteceu no conto de *João e Maria*, em que a bruxa foi queimada no forno. Assim sendo, pensará sobre como encontrar as soluções para seus problemas através de fantasias agradáveis, conseguindo vencer o medo.

Destaca-se aqui que os contos trazem muito significado à vida das crianças, porque são essenciais, pois apresentam situações que as fazem refletir sobre seus medos, suas angústias e trazem situações do cotidiano. Em algum momento da vida, todas as pessoas já viveram um conto de fadas, sendo a *Gata Borralheira*, a *Cinderela* ou outros, por exemplo. Todas as pessoas já tiveram um momento de conto de fadas, faz parte da vida, ajuda as pessoas a crescer, a amadurecer, assim como a criança. Ou seja, quando há um problema a resolver e encontramos a solução, não chegamos ao final feliz? Certamente.

Busatto (2003, p. 18) destaca que o conto vai provocar efeitos diferentes em cada um que o ouvir. Cada criança vai escutar a história e vai internalizar de uma forma que vai ajudar a enfrentar as angústias que está sentindo naquele momento: “Um conto nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que ouvem. É a história de vida de cada um, que determinará com que cores e com que música vai soar”. Afirmação que muitos educadores esquecem – ao contar ou narrar um conto, é preciso também saber ouvir, porque a partir da história do personagem a criança acaba relacionando com algo seu. Por exemplo, quando conta uma história sobre alguém, um irmão, amigo, está trazendo uma fala de algo que acontece com ela, está interagindo com o conto, está reelaborando a situação, colocando seus anseios para fora. O papel do professor é escutar, dar atenção. Se ela consegue contar algo após ouvir um conto, é porque essa história lhe trouxe algum sentido, algum significado. “Mas o conto de fadas o faz por implicação, na forma de material fantasioso que a criança pode moldar como lhe parecer melhor, e por meio de ima-

gens que tornam mais fácil para ela compreender aquilo que é essencial que compreenda” (BETTELHEIM, 2002, p. 134).

Os contos de fadas devem sempre ser usados em sala de aula, porque são histórias que acontecem no cotidiano das crianças, como, por exemplo, a história dos *Três Porquinhos e o Lobo Mau*. Esses tiveram a oportunidade de construir suas casas para se proteger do lobo, porém dois deles, por preguiça, fizeram uma casa com materiais frágeis, enquanto o terceiro se dedicou mais. Os dois primeiros tiveram que pedir auxílio para o terceiro para se proteger do lobo mau, pois suas casas foram destruídas. Será que nunca nos deparamos com uma situação parecida em nosso dia a dia? Sim! Por exemplo, um aluno que faz sua atividade rapidamente, para poder fazer algo que goste, está repetindo a ideia dos dois primeiros porquinhos.

Radino (2003, p. 22) acredita que “se a angústia que esse momento desencadeia, além dos conflitos inerentes ao processo de desenvolvimento, não puder ser externalizada ou elaborada, a criança terá dificuldades não só no seu aprendizado, mas em todo o seu crescimento posterior”. Se a criança não conseguir encontrar uma forma de externalizar o que a está deixando angustiada e preocupada, provavelmente terá dificuldades de aprendizagem no futuro ou durante seu crescimento poderão surgir fobias, as quais precisarão de tratamento médico.

Na entrevista também apareceu que é possível realizar um projeto com o objetivo de auxiliar as crianças no enfrentamento do medo, mas que nunca o fizeram. Mas como nunca o utilizaram, se elas mesmas afirmaram que o conto de fadas pode ser um instrumento para que as crianças possam enfrentar seus medos, angústias e auxiliar a encontrar soluções de seus problemas? Não dá para entender.

No conto de fada da *Branca de Neve e os Sete Anões*, a menina foge para a floresta e, enquanto anda, começa a ver as árvores se mexendo e tentando pegá-la. O medo é diluído depois que os animais chegam e a fazem perceber que tudo foi apenas uma ilusão; o seu medo da bruxa a fez ter essas ilusões. Quando uma criança sente medo, ela dá sinais de que vê coisas que o adulto não vê. Por isso o adulto precisa ter esse olhar observador e também de ouvir com paciência para poder auxiliar a criança nesse processo. Ou seja, se os contos podem auxiliar a criança a enfrentar, a resolver seus problemas interiores e inconscientes, por que ainda não se desenvolvem muitos projetos nas escolas? Os professores infelizmente ainda não aproveitam essa possibilidade

como um instrumento para planejar suas aulas. Sabem que os contos existem, porque todas as educadoras relataram isso na entrevista, assim com a psicóloga e psicopedagoga, todavia não os utilizam adequadamente. É mais fácil e prático planejar projetos em que apenas precisam pensar em atividades que irão trabalhar a imaginação e a fantasia. Não que isso não seja importante, mas mais importante ainda é que durante esse processo os educadores tenham um olhar sobre as reações infantis, por exemplo escutando o que elas têm a dizer após a narração de algum conto de fadas.

A criança consegue aprender muito mais por usufruir das histórias em suas brincadeiras. Crescemos e, como adultos, esquecemos que podemos aprender e muito com o conto de fadas, principalmente a lidar de uma forma diferente com os nossos problemas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as pessoas vivem, de uma forma ou de outra, um conto de fadas. Aprendemos muito com essas situações que a vida coloca diante de nós. Os contos fazem entender que na vida nem tudo é simples e/ou um mar de rosas. Mas sim que em cada situação que vivemos aprendemos uma lição, algo que devemos modificar em nossa caminhada, que mesmo sofrendo conseguimos nos superar e alcançar nossos objetivos.

A narração dos contos é essencial na infância, pois auxilia as crianças a enfrentar seus problemas e a encontrar soluções, além de que, se o professor souber ouvir e observar, saberá orientar a criança a encontrar significados na vida e aprender com as situações que as histórias apresentam.

As crianças precisam ter contato com os contos sempre; por isso o professor tem a obrigação de trazê-los para a sala de aula, planejando com cuidado a maneira de como utilizá-lo. Ter em mente que tudo, por mais difícil que seja, tem uma razão para acontecer e que todos têm o direito de um final feliz, basta acreditar e viver um dia após o outro, buscando encontrar as respostas.

#### REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Christophe. **Psicologia do medo**: como lidar com temores, fobias, angústias e pânico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e recontar**: pequenos segredos da Narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CANTON, Katia. **Era uma vez... Irmãos Grimm**. São Paulo: DCL, 2006.

CORSO, Diana Lichtenstein. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERRARI, Juliana Spinelli. **Complexo de Édipo**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/psicologia/complexo-edipo.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2013a.

\_\_\_\_\_. **Medo**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/psicologia/medo.htm>>. Acesso em: 04 maio 2013b.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido: um psicólogo no**

campo de concentração. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1991.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **A bela adormecida e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e a realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Uma introdução à psicologia de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

WALZ, Júlio. **Aprendendo a lidar com os medos**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004.